

TRANSCRIÇÃO

Fracos no bem

Olá, meninas! Antes de começar a aula, eu queria dizer às meninas da Comunidade que vão estar comigo no evento presencial que eu estou super, super feliz que estaremos juntas. Vai ser um momento em que poderemos estar conversando bastante, estar muito próximas. Vamos ser poucas, e isso vai ser muito bom. Vai ser um momento de grande alegria de eu conhecer vocês e saber mais a fundo quais são as suas dificuldades, e conseguirmos conversar um pouquinho, porque eu sei que às vezes vocês assistem e falam: "Puxa, mas eu tenho essa dúvida. Eu gostaria de estar com ela e perguntar exatamente isso, expor a minha situação". E vai ser bom também encontrarmos umas as outras, para que possamos cada vez mais criar esse senso de comunidade. Para as que estarão comigo em setembro, sejam muito bem-vindas, e eu fiquei muito feliz.

Na aula de hoje, eu queria que conversássemos um pouquinho, eu queria desenvolver um pouquinho o tema que é o Reels do meu Instagram que mais faz um fuzuê, que é o tema daquela carta do delinquente em que ele escreve aos pais dele e aos outros pais, dizendo que ele e os outros que estavam presos ali por terem cometido um delito estavam naquela situação porque os pais foram fracos no bem.

E essa carta mexe muito com a gente, a gente fala: "Puxa, é ruim pensarmos que será que não estamos sendo fracos no bem? Ou seja, será que não estamos, de fato, deixando de ser tão bons pais quanto poderíamos?". Então eu queria que conversássemos um pouquinho e vou começar essa aula lendo para vocês um trechinho que eu também tirei de um livro. Eu estava lendo um livro sobre omissões, sobre as omissões da nossa vida, e esse livro expõe essa situação. Achei interessante trazer para cá, porque acho que podemos, muitas vezes, nos colocar nessa situação, ter passado por essas situações, ou futuramente passar por essa situação. Acho que ficou claro como os pais aqui foram fracos no bem. Vou contar aqui para vocês, porque acho melhor eu ler do que tentar contar com as minhas palavras aqui, fica mais interessante.

Diz assim:

"Alguém me contou a história", disse o autor, "não sei qual a veracidade dos detalhes, de um casal que aceitou levar a filha a uma festa pouco recomendável. Tanto o pai como a mãe não estavam nada seguros com relação a tal festa e desconfiavam das novas amigas da garota, um grupo de jovens mais velhos que a menina conheceu numa viagem de férias aos Estados Unidos. Os dois só cederam para evitar brigas e porque a filha insistiu como se sua vida dependesse disso. Parece que só as filhas adolescentes são capazes de uma insistência assim. Na hora de sair de casa, aparece outra coisa que não estava nada bem: a garota vem do quarto com uma roupa que até o ano anterior lhe caía bem, agora que ela já estava com 17 anos, mais altura e mais corpo, o traje ficava bem curto. 'Mas que bobeira, todo mundo usa roupa assim, não quero ir lá que nem uma velha', foi o que a jovem respondeu, com cara de poucos amigos ao comentário da mãe. Apesar de tudo isso, os pais, contrariados, a levaram de carro e combinaram de ir buscá-la na volta.

De volta à casa, ficaram assistindo a um filme muito monótono e acabaram dormindo diante da televisão. A certa altura, ambos tiveram o mesmo sonho: apareceu-lhes uma coruja dizendo:

'Belos pais são vocês! Sabem que não devem deixar a filha ir à festa, mas deixam. Desconfiam das amigas dela, mas a levam de carro. Querem que ela seja uma boa menina, mas não fazem a sua parte. E não fazem por medo. Talvez a sua filha esteja passando por algum perigo, e vocês estão aqui, dormindo, tranquilamente. Vocês devem fazer alguma coisa já'. Os dois acordaram assustados e decidiram ligar para a filha naquele exato instante. Ninguém atendia. De comum acordo, mandaram uma mensagem: 'Coisa muito urgente, vamos pegá-la já', e saíram com o carro. Com o barulho da música da festa, a filha não teria podido ouvir o celular, mesmo que ele fosse uma sirene de bombeiros. Mas quando quis mandar uma mensagem para uma amiga, viu a mensagem dos pais, assustou-se bastante e mandou outra mensagem: 'O que é?'. E a resposta: 'Estamos chegando em dois minutos'. A garota saiu da festa sem dar muitas explicações e entrou no carro. Os pais não tinham tido muito tempo, nem clareza de cabeça para pensar numa resposta adequada à pergunta óbvia da filha: 'O que aconteceu?'. A mãe, titubeante, disse: 'Foi um sonho'. 'Como um sonho?', questionou logicamente a menina. 'Seu pai e eu sonhamos que tínhamos que ir buscá-la imediatamente'.

O pai e a mãe ficaram à espera da onda furiosa de reclamações que viria por parte da filha, perante aquela explicação inconsistente. Mas o fato é que a garota ficou em silêncio, fechada no seu mundo até chegar em casa. Ela entrou no seu quarto e trancou-se lá, como fazia em tantas ocasiões para ficar sozinha. Quando acordou perto do meio-dia, manteve o mutismo. À tarde, quando a mãe estava sozinha, cuidando das plantas, a filha se aproximou e perguntou, não de uma forma agressiva como fazia tantas vezes, mas com autêntica curiosidade: 'Que coisa é essa de sonhos?'. A mãe contou-lhe sobre o sonho e sobre a coruja. 'Mãe', falou a jovem num tom que lembrava a filhinha de antigamente, quando tinha feito uma coisa errada e ficava envergonhada, 'quando você mandou a mensagem ontem, eu tinha pensado em você naquele momento. Eu gostei muito de um garoto na festa que eu não via há muito tempo. Nós bebemos um negócio'. A mãe se segurou para não falar sobre a bebida e para não interromper o desabafo. 'E ele queria porque queria que eu experimentasse um baratinho que todo mundo estava usando. Ele dizia que assim a festa ficaria muito melhor. Foi aí que eu, olhando para o copo com um desenho de coruja, lembrei de você e preferi esperar, mas estava na dúvida. Quando você mandou a mensagem, eu levei um susto'. Quando entrei no carro e você falou do sonho, eu nem disse nada porque eu estava com muita dúvida".

A mãe deixou de lado o regador e a abraçou com carinho. "Minha filha", falou num tom de confiança, "a culpa é minha e do seu pai, porque nós intuímos que não ia ser bom para você e não soubemos dizer não. Para algo, as intuições também valem". Dali em diante, a menina não deixou de ser adolescente com as suas reclamações, questionamentos e insistências, mas o diálogo com os pais foi em boa parte resgatado. Quando viam que deviam dizer não, diziam com jeito, mas com firmeza. Embora a jovem se chateasse, entendia que os pais faziam aquilo por carinho."

Essa história é uma história que vemos a possibilidade de acontecer. Quantas vezes nós pais temos uma intuição, falamos: "Eu acho que não está tão bom assim", e às vezes não falamos nada, e às vezes preferimos deixar para lá. "No final das contas, é uma festa com os amigos que ela conheceu nos Estados Unidos, ela pediu tanto, vamos deixar também. Eu acho que estou exagerando demais". Às vezes percebemos claramente que não seria um bom ambiente, que não seria uma boa roupa, por exemplo, para estar vestida, ou alguma situação que vamos falar algumas aqui ao longo da aula. Às vezes não conseguimos dizer não por inúmeras justificativas.

As omissões, ou seja, a fraqueza de não fazer algo, acontecem quando deixamos de fazer algo que é um ato devido a nós, ou seja, quando devemos fazer alguma coisa que nos cabe e não

fazemos. O nome disso é omissão, ou seja, fazer o que nos cabe, aquilo que é a nossa responsabilidade, é um ato de justiça. Justiça é, já falei mais de uma vez aqui na comunidade, dar a cada um aquilo que lhe é devido. Ou seja, cada um de nós tem o direito de receber uma série de coisas, e os filhos têm o direito de receber a educação dos pais. Eles têm o direito de receber a sua orientação, o seu cuidado, receber a sua experiência de vida, a sua percepção, a sua intuição de que, às vezes, as coisas não estão indo muito bem, e orientá-los no certo e no errado, orientá-los nas virtudes, promover um ambiente familiar com uma afetividade adequada... Isso tudo é responsabilidade dos pais. Toda vez que não executamos essa responsabilidade, cometemos um ato de injustiça, ou seja, quando nos omitimos em algo que deveríamos fazer, estamos sendo injustos aos nossos filhos.

Aqui acontece uma dinâmica em que existe luta da nossa parte. Ou seja, muitas vezes sabemos qual é a nossa responsabilidade, às vezes não... Infelizmente, muitas vezes os pais não sabem quais são as suas responsabilidades, estão em dúvida em quais são as suas responsabilidades, o que é aquilo que lhes cabe fazer, se lhes cabe de fato orientar. Isso é tópico para outra aula, mas às vezes eles sabem o que devem fazer, eles sabem qual é a sua responsabilidade, eles intuem qual é a sua responsabilidade e não fazem. Não fazem muitas vezes por falta de virtude própria, não fazem muitas vezes porque, às vezes, eles percebem o bem que deveriam fazer, mas acontece uma série de circunstâncias na sua vida que faz com que eles recuem da sua responsabilidade. Eles vão ser omissos na sua educação, e a omissão dos pais na educação dos filhos é responsável por muitas tragédias nas vidas dos filhos. É o que diz essa carta: "Vocês foram omissos em fazer o bem". Fazer o bem, no caso de nós pais, é de fato educar os nossos filhos afetivamente, permitir um ambiente afetivo, educá-los nas virtudes, dizer para eles onde estão os erros, mostrar para eles os seus defeitos, estimular as suas qualidades, promover o ambiente externo adequado para que eles consigam se desenvolver bem. Isso tudo é responsabilidade nossa, e muitas vezes somos fracos nisso, ou seja, apesar de saber a importância dessas coisas, apesar de saber que não devo só colocar filho no mundo, mas devo educar essa criança, muitas vezes permito, e por causa da minha desordem interior (esse é o tópico da próxima aula que teremos na comunidade), acabo não sabendo colocar e hierarquizar aquilo que deve ficar em cima e o que deve ficar embaixo.

Temos uma coisa em nós que acontece com todos os seres humanos, que é o egoísmo, ou seja, olhar para nós antes de olhar para os outros. Sei que isso é um tema muito delicado a se falar, porque você falar para uma mãe que ela coloca ela mesma em primeiro lugar, antes do filho, é até uma coisa estranha, porque fazemos tantas coisas por eles, principalmente quando eles são pequenininhos, que precisamos acordar de madrugada, que não podemos sair para onde quisermos, que precisamos amamentar, enfim, que precisamos carregá-los nove meses no nosso ventre. Como você está dizendo que eu estou pensando mais em mim do que nele? Mas a verdade é que, às vezes, no nosso dia a dia, de fato, acabamos pensando mais em nós do que neles, ou seja, em vez de conseguirmos tomar as nossas decisões pensando no bem dos nossos filhos, às vezes tomamos as nossas decisões pensando no nosso próprio bem, e por uma confusão hierárquica daquilo que é importante. Ou seja, entendemos que a família é mais importante, mas muitas vezes colocamos o nosso trabalho em um grau de importância, digo, na coisa concreta do dia a dia, antes da nossa família, antes da educação dos nossos filhos. Entendo que o meu casamento é importante, mas às vezes coloco o cuidado dos meus filhos na frente do cuidado e do amor que preciso ter ao meu marido.

E isso, às vezes, é uma coisa complicada. Na coisa concreta do dia a dia, preciso mostrar aos meus filhos que o amor e o respeito que devo ao meu marido e o amor e o respeito que devo à minha esposa estão na frente do amor que devo aos meus filhos. Vou trazer aqui uma coisa concreta: quando, por exemplo, um pai coloca um castigo ao filho e a mãe não concorda com

esse castigo, imagina esse castigo, ele fala: "Olha, você vai dormir sem jantar". E a mãe chega e fala, ela pensa consigo mesma: "Pô, nada a ver dormir sem jantar, coitado, vai ficar sem comer, isso não é um castigo devido e tal", e vai lá e dá comida escondida para a criança. "Ai, meu filho, coma alguma coisinha, seu pai não fez bem". Ou seja, ela está mostrando para a criança que ela ama mais ao filho do que o próprio pai e está fazendo com que a criança desconfie da bondade que o pai tem em relação a ele. Com essa atitude, a mãe está, ao desautorizar o pai, colocando o amor que ela tem ao filho na frente do amor que ela deve ao marido. A melhor atitude que ela tem é, sem olhar o que o filho está fazendo, ir conversar com o pai e falar: "Poxa, você não acha que você exagerou? Eu acho que podemos tentar substituir esse castigo por outra coisa". E quem vai ter que resolver isso é o pai, não a mãe. Vocês entendem a dinâmica?

Toda essa organização é muito importante. Muitas vezes, na nossa cabeça, entendemos que amamos os nossos filhos incondicionalmente, mas muitas vezes, e vou mostrar aqui para vocês que situações são essas, acabamos colocando o nosso egoísmo na frente, porque isso é o normal. Se não lutamos contra o nosso egoísmo, muitas vezes vamos fazer isso. É aí que somos fracos no bem. Ou seja, percebemos que algo é bom para os nossos filhos, mas não fazemos por fraqueza nossa. Não fazemos porque estamos ou querendo ficar bem, ou estamos com preguiça, ou temos outras prioridades, que acabamos deixando para lá e justificando as nossas ações que, na verdade, muitas vezes, acabam sendo omissões daquela minha responsabilidade.

Se nos deixamos agir, se agimos naturalmente, sem um esforço virtuoso para sermos bons pais, acabamos tendo uma postura interior de acomodação, de desleixo, de preguiça. Não tem jeito. A nossa vida sobre a Terra é uma luta constante contra nós mesmos, contra o que há de ruim em nós. Para que sejamos boas mães, bons pais, precisamos lutar, precisamos nos esforçar para ser boas mães e bons pais. Se estamos agindo de forma despreocupada ou sem muita reflexão, muito provavelmente estamos tendo mais uma postura acomodada, desleixada e preguiçosa do que uma postura virtuosa, ou seja, uma postura de assumir a nossa responsabilidade, ou seja, aquilo que precisamos fazer para que consigamos educar bem os nossos filhos. E a negligência, ou seja, esse ir deixando para lá aquilo que deveríamos estar fazendo, aos poucos leva à omissão, ou seja, de fato não fazer. Ou seja, coloco numa caixinha dentro da minha cabeça as coisas que julgava importantes lá no início e eu falo: "Quer saber, deixa para lá".

Então a omissão é um atentado contra a virtude da prudência. A virtude da prudência é aquela virtude que nos dá a capacidade de agir de acordo com a minha reta razão. Ou seja, a minha consciência me diz que eu devo fazer determinada coisa e aí eu vou e não faço. Eu me omito naquela ação. Estou agindo contra a prudência. Muitas vezes, qual é o mecanismo que acontece? Como vou não fazendo, a princípio aquilo é uma coisa que me chama um pouco a atenção, que foi o que aconteceu com os pais aqui. "Puxa, a minha intuição diz que não deveria". Essa intuição é a consciência falando: "Não deixa, não deixa, vai ser ruim. Ela está indo vestida inadequadamente. Ela está indo para um lugar ruim. Podem acontecer coisas ruins, não deixa". Essa foi a intuição, ou seja, é a consciência dela falando, dos pais falando, não é a melhor coisa. E aí, o que ela fez? Ela deixou.

E muitas vezes, quando os pais começam a deixar, deixar, deixar, eles começam a justificar a sua atitude por uma série de coisas. "Ah, porque está me enchendo a paciência. Ah, porque ela é muito insistente. Ah, porque o que tem? Puxa, eu vou vestida igual uma velha". "Puxa, e todo mundo vai, e todo mundo faz, e todo mundo assiste àquele filme, todo mundo joga videogame, e todo mundo vai para aquele passeio da escola". "Todo mundo" é um monte de gente, que

infelizmente é um monte de criança que muitas vezes está sendo mal orientada ou não vista pelos seus pais. Só que nessa, muitas vezes começamos a deturpar a nossa consciência, ou seja, a nossa consciência começa a não ser tão sensível àquilo que é o certo a ser feito, e começamos a achar que não tem problema. Aquela omissão começa a se transformar num hábito de não fazer mesmo, e aos poucos começamos a nem perceber mais que aquilo é uma omissão.

Muitas vezes, quando vem alguém e fala: "Você deveria fazer isso"... por isso que essa carta é tão impactante, esse vídeo é tão impactante, porque as pessoas olham e falam: "Cara, eu deveria estar fazendo um monte de coisa que eu não estou fazendo. Eu estou deixando o meu filho nas telas e eu não deveria. Eu estou deixando o meu filho sozinho, sozinho demais, sem orientação". Depois não entendo por que o meu filho está tendo uma atitude muito contrária ao que são os meus valores. Mas não basta que esses valores estejam na minha cabeça, esses valores precisam ser passados para o meu filho. Preciso estar ali com ele, ajudando a que ele execute.

A má educação dos nossos filhos é consequência, muitas vezes, de uma sucessão de omissões por parte dos pais, que vão abafando a sua consciência aos poucos e depois eles não conseguem entender o que aconteceu, onde foi que eu errei. "Puxa, parecia que eu estava sendo uma boa mãe". É claro, porque é muito difícil para uma mãe e um pai baterem no peito e dizer: "Cara, eu estou sendo uma péssima mãe, eu estou sendo um péssimo pai, eu estou deixando a coisa correr". É muito difícil, é necessário uma coragem gigante para que um pai e uma mãe consigam verbalizar isso, falar: "Cara, eu estou fazendo, e eu estou fazendo com consciência, eu estou vendo que o meu filho está indo para o abismo e eu não estou ligando". A consciência, muitas vezes, não deixa a gente chegar a perceber isso. Ela vai se embotando, se embotando, se embotando, e depois, no fim, não conseguimos identificar.

Muitas vezes, as pessoas chegam no meu Instagram e falam: "Puxa, se eu tivesse te conhecido antes, que pena que eu não conheci você antes, quando os meus filhos eram pequenos. Eu consigo perceber um monte de omissões que eu tive ao longo da minha vida que eu achava que não era nada demais, e que isso fez com que, muitas vezes, o meu filho não tivesse formado um bom caráter". Parecem coisas pequenas e sem importância, mas são essas pequenas omissões que, de fato, muitas vezes, vão fazendo a gente ser fraco no bem e não conseguindo formar os nossos filhos adequadamente.

Alguém que tenha agido com negligência, ou seja, agindo com uma postura acomodada, desleixada, com preguiça, tomou a decisão errada. Ou seja, ela deveria tomar uma atitude diligente, com prontidão, ter um amor que a fizesse reagir diante das coisas e a fizesse, muitas vezes, sair de si mesma, ter uma vida um pouco mais complicada, digamos assim, mas o amor nos chama a isso, a complicar a nossa vida. É uma decisão errada que ela não conseguiu tomar. Ela preferiu a acomodação, o desleixo, a agir com responsabilidade. Essa fraqueza no bem não tem consequência só para a gente.

Isso, muitas vezes, é que eu gostaria muito que as pessoas entendessem: as nossas atitudes não dizem respeito só a nós, principalmente quando somos pais. As nossas atitudes de ficar deitado no sofá, de não fazer uma leitura com os nossos filhos, de não saber para casa de que amigo eles estão indo, de não ajudá-los no dever de casa, de preferir sair com as minhas amigas a ficar com os meus filhos no tempo que eu deveria estar, ou permitir que os meus filhos vão para uma viagem em que eu desconheço quem são as pessoas, ou permitir que os meus filhos fiquem num hotel com um monte de recreador, que eu não conheço as pessoas e não sei o que essas pessoas podem fazer com os meus filhos para que eu curta o ambiente do

hotel. É um monte de coisa que a gente vai... "Ah, eu acho que não tem problema, eu acho que não tem problema", mas depois não sabemos tudo o que aconteceu com os nossos filhos. Muitas vezes eles não nos contam. Muitas vezes achamos: "Ah, não, se acontecer alguma coisa eu vou ter uma percepção". Não é bem assim, as coisas são insidiosas. Se não abrirmos o diálogo, não convivemos para que possamos conhecer os nossos filhos, para que eles possam se abrir conosco, falar as coisas conosco, não vamos saber o que está acontecendo. Vamos chegar na adolescência com um adolescente que está totalmente desconectado de nós, porque não promovemos isso.

Quando nos omitimos nas coisas, estamos sendo injustos. Por quê? Para que amemos, precisamos de obras. Existe uma frase muito bonita que fala: "Obras é que são amores e não boas razões". Para que eu ame meu filho, não basta eu apenas ser mãe dele e ter uma boa razão: "Puxa, eu carreguei ele nove meses no meu ventre, ah, mas ele é tão parecido comigo, eu tenho amor de mãe, poxa, mãe ama incondicionalmente". É verdade, só que obras é que são amores. Ou seja, o meu amor se mostra através das obras. Isso para os nossos filhos, isso para os nossos maridos, isso para os nossos amigos, isso para os nossos pais. Obras é que são amores e as omissões são "não obras". Ou seja, se estou me omitindo, não estou amando verdadeiramente.

É isso que eu falava lá no início, quantas vezes não estamos amando os nossos filhos porque estamos amando outras coisas. Se não estamos, se estamos nos omitindo, não estamos amando como deveríamos e estamos amando outras coisas. A nós, ao dinheiro, à nossa profissão, à nossa comodidade, à nossa preguiça... é isso que estamos amando, porque obras é que são amores. Muitas vezes falta amor, sim. Muitas vezes somos fracos no bem.

Não basta que a nossa inteligência ofereça boas razões para fazermos o bem, não basta. A nossa vida não é feita de boas intenções. Podemos ter uma intenção gigante de amar os nossos filhos, uma intenção gigante de amar o nosso marido, uma intenção gigante de amar a Deus, mas obras é que são amores. Precisamos de um amor que nos mova. Precisamos de algo que mova o nosso coração, que mova as nossas ações, que mova os nossos afetos, que faça com que nos tornemos outra coisa. A maternidade faz isso com a gente e é para fazer. Ela faz com que nos transformemos em outra coisa, porque vamos nos transformar naquilo que amamos. Se amamos a preguiça, se amamos as omissões, se amamos o desleixo, se amamos a nossa comodidade, é nisso que vamos nos transformar. Precisamos amar... o nosso coração precisa ser movido àquilo que muitas vezes vai ser dolorido para nós, porque vamos ter que sair de nós mesmas. Vamos ter que fazer coisas que nos exigem, que exigem dos nossos sentidos, exigem levantar de madrugada, exigem dar um sorriso, exigem dizer não aos nossos filhos quando estamos vendo que não está bem, exigem ter que ouvir um choro, exigem ter que ouvir uma reclamação, exigem ter que ouvir um... "Poxa vida, isso é tudo muito chato". Exige isso de nós, e precisamos ter a maturidade para entender, escutar e explicar.

Podemos permitir que os nossos filhos sejam livres, eles podem tomar as suas decisões, desde que, aqui estou falando especificamente dos adolescentes, desde que você dê a eles boas razões. Uma vez eu ouvi uma história que eu achei muito engraçada, que quem contou essa história foi um sacerdote. Ou seja, ele deu a vida por amor a Deus, mas ele chegou num momento na adolescência dele que ele falou: "Quer saber? Não vou mais à missa. Não vou mais à missa no domingo não, sabia? Porque eu acho o seguinte, se eu não estiver com vontade de ir à missa, é melhor até que eu não vá. Porque senão, se eu for fazer uma coisa que eu estou fazendo sem vontade, eu não estou fazendo por amor verdadeiramente, então eu não estou amando de verdade. É melhor eu nem ir. Se eu não quero, é melhor eu nem ir. Se eu vou estar com uma vontade, é melhor eu nem ir. Vou falar com o meu pai". Só para falar que a

família ia toda a missa aos domingos juntos. "Eu queria falar com o senhor que eu não vou mais à missa domingo. Ah, não, eu não estou gostando, não estou entendendo, estou achando o padre muito chato, acho que eu tenho que fazer as coisas quando eu quero, quando eu tenho vontade". "Tá bom". A ideia dele era ir lá e dizer pro pai: "Tá ótimo, não precisa mais ir, ponto, acabou. Você é responsável, se livre, faz o que você queira". E aí o pai falou: "Olha, vamos fazer o seguinte, eu até aceito que você não vá à missa domingo, desde que você saiba o que é a Santa Missa, que você saiba o que é a Santa Missa, o que de fato acontece ali. Se ainda assim você escolher não estar lá, tudo bem, você é livre para decidir". E aí o pai foi explicando o que era a Santa Missa, o sacrifício da missa, a presença de Cristo na Eucaristia, o quanto Cristo se sacrificou por ele, e foi explicando todas essas coisas. E aí ele conta, o sacerdote: "Não só eu continuei na missa no domingo, como eu passei a missa mais vezes durante a semana". O pai falou: "Bem, você pode decidir o que você quiser, desde que eu te explique e te dê boas razões para continuar fazendo isso".

Isso que nós pais temos que fazer. Muitas vezes os nossos filhos já vão estar maiores, eles vão tomar certas decisões. O que não podemos é nos omitir e dizer para ele: "Eu vou então te falar por que eu te falo para fazer isso. Por que eu oriento você que isso é a melhor coisa a você fazer. Se ainda você não quiser, daí são outras coisas". Mas para que esse pai conseguisse acessar o coração desse filho, isso não foi do nada. Foi um pai presente, que estava ali, que tinha abertura de diálogo, que soube acessar o coração do seu filho, soube mostrar boas razões e que aquilo que ele orientava não era uma coisa que ele tirou da cabeça dele, mas era uma coisa que ele fazia por amor. Ele quis mostrar para esse filho que as boas razões dele... Isso eu estou falando de crianças e adolescentes, com os menores não é bem assim, porque precisamos educá-los para a liberdade, mas precisamos ajudar, isso que eu estou dizendo. Esse pai conseguiu formar esse adolescente para que ele pudesse tomar boas decisões no futuro.

A virtude contrária à negligência é a diligência. Diligência é aquela pessoa que tem urgência em fazer as coisas que deve. Eu sei as coisas que eu tenho que fazer e eu tenho urgência em fazer essas coisas, porque eu sei que essas coisas dependem de mim. Eu sei que as pessoas dependem de mim. As coisas que eu preciso fazer no meu dia a dia, eu tenho urgência em fazer, porque se eu não fizer, ninguém vai fazer. Se eu não fizer com que o ambiente da minha casa seja um ambiente afetivo, seja um verdadeiro lar em que as pessoas querem voltar, ninguém vai fazer. Eu sou diligente em fazer, eu corro a fazer, ainda que isso me custe, ainda que muitas vezes eu gostaria de tomar outras atitudes, sei lá, xingar, gritar. Eu falo: "Não, porque compete a mim fazer dessa casa um lar luminoso e alegre, um lar em que as pessoas queiram estar". E para que esse lar seja isso, isso depende do meu bom humor, isso depende da forma como eu cuido das pequenas coisas, isso depende da forma como eu olho para as pessoas, isso depende do amor com que eu cozinho para os meus filhos, isso depende da paciência que eu tenho em repetir uma e outra vez aquilo que eles precisam ouvir, isso depende de muitas vezes eu não desdizer o que o pai diz, você entende? Porque para que eu tenha um ambiente familiar, isso depende de mim, isso vai depender dessa luta interior que eu quero dizer para vocês.

A diligência vem de "diligere", com "i", que significa cuidar, amar, ter zelo, ter cuidado. Quando estamos falando sobre os nossos filhos, sobre a educação dos nossos filhos, é essa disposição do coração, essa disposição de ser responsável mesmo, de usar a minha liberdade para escolher aquilo que é o melhor, ainda que isso custe, ainda que isso forje virtudes em mim, isso vai fazer com que eu negue a mim mesma. Naquelas aulas lá das paixões, eu volto a dizer, escutem as aulas sobre as paixões, vai fazer com que consigamos entender os nossos movimentos interiores e muitas vezes percebermos: "Poxa, esse não é o melhor caminho, eu

estou vendo que por aqui eu estou indo por um caminho de desleixo, de descuido, e para eu orientar as minhas paixões para o bem, vai exigir um esforço meu".

Fazer as coisas, ser diligente, fazer as coisas por amor aos outros, não significa fazer muitas coisas, uma correria danada, um ativismo, que eu estou sempre fazendo, fazendo, fazendo, fazendo, para tentar tapar os buracos, não é isso, mas fazer as coisas com capricho, fazer as coisas com atenção, olhar para o olho dos meus filhos, observá-los, conviver com eles para saber o que eles estão precisando naquele momento, onde que eu estou faltando, eu enquanto mãe, enquanto pai, como que eu posso fazer para que o meu marido se envolva mais, como que eu posso falar para o meu marido para que ele esteja mais presente nesse ramo aqui da vida do meu filho ou da minha filha. O amor é exigente nesse sentido, a gente não dorme enquanto na nossa execução de amor, é como se estivéssemos o tempo todo atentos, o tempo todo com as anteninhas de bem, o que é, e agora é isso, e agora é isso, e agora é isso. A preguiça nos faz: "Faz depois, faz depois, faz depois". A diligência fala: "Agora é isso, e isso, e mais isso, agora eu vou por aqui". Se eu não acerto, eu vou, retifico, não tem problema. Se o meu filho não acerta, acolhemos com paciência, com carinho.

O segredo para não nos omitirmos nas coisas é amar, é ter esse coração que nos move, é estar atentas. Isso que eu dizia, teve um podcast que eu fiz com o Ítalo, que está aí na Comunidade, que justamente eu falava que uma mãe que faz as coisas reclamando, ou que não faz porque dá trabalho, porque ela tem outras coisas para fazer, e que ela fica reclamando das coisas, ela ama mais a si mesma do que ao filho. Ou seja, estamos reclamando de uma coisa que é o nosso dever fazer, e que isso é bom para ele, e amar o processo, fazer as coisas com verdadeira entrega, faz toda a diferença, faz toda a diferença.

Isso é muito duro, eu sei, mas isso é muito verdadeiro, estou falando isso para vocês e para mim, quantas vezes eu me amo mais do que aos meus filhos. Isso é um exercício constante para que possamos amá-los mais do que amamos a nós mesmos, sem inventar justificativas para as coisas que não fazemos, colocando desculpas para a nossa falta de compromisso, para a nossa falta de responsabilidade.

As ações dos nossos filhos, muitas vezes, têm uma origem longa e silenciosa nas omissões. Muitas vezes temos dificuldade de enxergar a educação que estamos dando, a educação que outras pessoas estão dando. Às vezes conseguimos perceber as coisas que as pessoas estão fazendo, mas às vezes não conseguimos perceber as coisas que nós e as pessoas estamos omitindo, deixando de fazer, e muitas vezes são essas omissões que vão causar um problemão lá na frente. Eu sei que vivemos um drama ultimamente. Para que consigamos não nos omitir, agir responsavelmente enquanto pais, precisamos estar presentes, mas hoje vivemos um drama, porque vivemos o pai e a mãe ausentes de casa. Eles trabalham fora e muitas vezes as crianças acabam não tendo alguém que seja o maestro da sua educação, ou seja, que os pais acabam delegando uma coisa e outra que precisam delegar mesmo, mas eles acabam não conseguindo delegar com intencionalidade, sabe? "Bem, babá, você vai ficar, e eu preciso que você olhe isso, isso e isso. Não deixe que esse ponto aconteça. Se acontecer, faça isso e isso. Mãe, a senhora vai ficar, e na hora que a senhora estiver ficando, eu preciso que a senhora não deixe que determinada coisa aconteça. Eu preciso que a senhora fique atenta a isso, por causa disso, disso e disso. Colégio, você está apresentando isso, isso e isso, e eu preciso ver o que está sendo apresentado para o meu filho, eu preciso conseguir conversar com ele sobre os temas que estão sendo apresentados na escola, a forma como está sendo feito, como que ele está respondendo à educação que ele está recebendo, como que ele está usando o estudo para crescer nas virtudes necessárias, se ele está conseguindo entender o papel que o estudo tem na vida dele". Muitas vezes não temos pais que são esses verdadeiros maestros, porque

eu sei, porque estão com a cabeça cheia de muitas coisas, muitas coisas, são muitas coisas a fazer, tem os pais trabalhando fora, há muitas questões e muitas vezes eles não têm toda a sua importância como protagonista da educação dos filhos, e aí, querendo ou não querendo, acaba que eles se omitem.

Por inúmeras razões, por conta do trabalho, de inúmeras atividades, às vezes que eles acham que os filhos precisam ter, os filhos acabam ficando muito longe dos pais por causa disso, eles acabam não conseguindo acompanhar o crescimento de perto, não têm tempo para conhecer essas crianças, não têm tempo para pensar na educação integral deles, não só na educação física, de esportes ou de desenvolvimento físico e intelectual, mas na educação da vontade, na educação da transcendência, na educação da afetividade. Muitas vezes, eles acabam tocando a vida e não parando para pensar. Às vezes, eles não conseguem corrigir, porque o pouco tempo que eles têm, eles acabam não querendo pegar ainda. "Puxa, além disso, ainda vou ter que corrigir. O que ele vai achar de mim? Será que ele vai gostar mais da babá do que de mim? Será que eu não vou ser muito chata?". Muitas vezes, os pais mesmos relacionam correção com chatice. E não é verdade. Não é verdade, podemos corrigir com todo o amor do mundo. E os filhos querem isso de nós. Eles querem que os ajudemos, os orientemos.

Não querer corrigi-los, corrigir as suas atitudes, corrigir os seus próprios afetos em relação às coisas é um papel muito errado. É uma omissão de algo que precisamos fazer, que é corrigir os nossos filhos. Não podemos partir do princípio que os nossos filhos são anjos e vão se desenvolver muito bem, maravilhosamente, em linha reta até o final da vida, sem nenhuma intervenção minha. É óbvio que não, impossível. Se eu falo assim, você fala: "É realmente esquisito, não dá". Não dá, nenhum ser humano é assim, todo ser humano precisa de uma ajuda para crescer. Muitas vezes, não conseguem colocar as metas para o desenvolvimento dos seus filhos. Muitas vezes, eles acabam precisando das bengalas do nosso tempo para cuidar do trabalho, muitas vezes, eles falam isso, para cuidar de si mesmo, para que eu esteja bem para os meus filhos. Eu não estou dizendo que o autocuidado não seja importante, mas é isso que falávamos lá atrás, não podemos colocar o nosso autocuidado na frente de coisas que são mais importantes, que é estar com os meus filhos, que é orientá-los, que é cuidar do nosso ambiente familiar, que é estar presente, que é conhecê-lo, que é orientar as pessoas que me ajudam. As bengalas são sempre isso: celular, videogame, babá, colônia de férias, play. Muitas vezes, os pais acabam colocando para lá para que eles consigam ter um tempo para fazer as coisas.

Fazer tudo ali junto, trabalhar enquanto estamos com as crianças por perto, enquanto estamos vendo acontecer, enquanto estamos ali e um olho no gato e outro na missa, às vezes, estamos precisando, ou no padre ou na missa, precisamos disso, muitas vezes, porque não temos outra opção, ou na hora que estamos varrendo a casa, na hora que estamos lavando uma louça, na hora que estamos trabalhando, mesmo, muitas vezes, o que fazemos? Acabamos delegando e ocupando os nossos filhos com celular, videogame, babá, que seja, colônia de férias, play, para que eu consiga ter um tempo mais tranquilo. É possível fazermos as coisas, às vezes, com os nossos filhos ali presentes? Muitas vezes, é. Muitas vezes, o nosso trabalho não é nem tão intelectual, não exige tanto de nós a nossa atenção intelectual. E aprendemos a fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Eu não estou dizendo que nunca podemos ter uma ajuda, eu espero que vocês me entendam. É mais uma questão de pensarmos: o que eu posso fazer, o que eu estou deixando de fazer e eu poderia estar fazendo?

Uma vez uma conhecida da internet do Instagram falou: "Samia, uma vez, assistindo às suas aulas na comunidade, eu percebi o quanto que eu deixava a minha filha com a babá e no play e nas atividades sem necessidade. Eu trabalho de casa, eu poderia dar o almoço dela, eu

poderia colocá-la para dormir, eu poderia estar com ela muito mais do que eu estou". Porque eu estou trabalhando, e aí é o que eu digo que entra a nossa falta de virtude, como eu estou trabalhando, deixa eu trabalhando aqui, deixa ela lá com a babá. Afinal, ela está em casa, eu estou em casa, está tudo aqui sob o mesmo teto, está tudo sob o controle. E aí ela teve um insight, ela falou: "Não, eu poderia estar muito mais presente do que eu estou". Essa é a reflexão que eu gostaria que vocês tivessem, e que ela teve com muita coragem. "Puxa, eu preciso reestruturar uma série de coisas que eu posso".

É claro que às vezes não tem jeito, às vezes somos absorvidas, o que não podemos é deixar de educar por negligência. Podemos ter uma dificuldade maior porque temos muito trabalho, porque temos uma circunstância mais difícil. Sinceramente, não é aí que está o problema, porque você pode ter tudo isso e você está com isso na sua cabeça, o seu coração ser um coração que não é um coração omissivo, que é um coração presente, que é um coração interessado. E esse é o meu convite, esses pais não estão sendo fracos no bem, se não tem jeito, se essa é a circunstância momentânea, vai dar tudo certo. O negócio é quando poderia ser diferente e não é por fraqueza nossa. Entende?

Quando que a gente, então, se omite? A gente se omite quando a gente deixa passar coisas que não poderiam passar, por exemplo, mentira. Quantas vezes os pais falam: "Às vezes eu vejo coisas e prefiro nem falar nada". É isso, vai me dar tanto trabalho, deixa para lá. Isso desde que as crianças são pequenininhas até quando elas crescem. Tipo, a criança está ali fazendo uma coisa, você já falou, não mexe nos livros. E aí, a criança está mexendo nos livros, você está fingindo que não está vendo, porque se você ver, você vai ter que fazer alguma coisa. Então, você está fingindo que não está vendo, só que, na verdade, você está vendo. Esse é o tipo de omissão que você não deve fazer. Se você diz que não pode mexer nos livros, tem que ter algum motivo, a não ser que tenha sido uma orientação sem pé nem cabeça. Daí é outra coisa que temos que pensar em relação às nossas orientações. Tem que ser orientações que têm um fundamento. Se ele não está podendo mexer nos livros, tem um motivo para ele não estar podendo mexer nos livros. E se ele não pode agora, ele não pode nunca. Ou você vai tirar os livros dali para você não ter dor de cabeça, ou você vai ter que voltar lá e você vai precisar orientar desde que eles são pequeninhos até eles serem maiores. "Ah, eles não estão fazendo dever de casa". Você sabe que não estão. "Ah, eu sei que não está. Mas eu agora não tenho como resolver". Vai ter que dar um jeito. Vai ter que dar um jeito de resolver. Porque se ele não está fazendo dever de casa, ele está adquirindo o hábito, primeiro, de mentir para você, de não assumir as responsabilidades que lhes cabem. Entendem? Então, está mal. É preciso ajustar, sim. "Ah, essa imaginação é tão complicada". Sim, é essa complicação de amor que somos chamados a fazer.

Mentira, por exemplo. Não podemos fingir que não estamos vendo uma mentira. Se estamos vendo uma mentira acontecer, precisamos ter alguma abordagem. E aí, temos aula aqui sobre a mentira, como devemos fazer, mas precisamos abordar. A mentira falada várias vezes tem uma consequência muito séria. Por exemplo, se você falou para o seu filho que pode assistir um filme e ele sabe que só pode assistir dentro desses filmes que combinamos, e ele está ali burlando de algum jeito, por exemplo, deixando na Netflix passar os trailers ali, que são de filmes que você não permitiu, e você está vendo que ele está fazendo isso de malandragem, isso precisa ser corrigido. Isso não pode ser simplesmente falar: "Ah, meu filho, que coisa errada que você fez". Não, isso precisa ser corrigido seriamente, porque ele está te enganando e ele não está confiando em você, de que o que você disse é a melhor coisa. Você precisa pensar qual é a atitude que você vai ter desde, sei lá, deixar ele, agora você vai ficar sem assistir filme então, porque eu não posso confiar em você, eu é que vou ter que colocar o filme

para você assistir, ou então, mostrar, conversar mais com ele quais são as grandes consequências que podem acontecer. Mas algo precisa ser feito.

Roubo, por exemplo, pegar alguma coisa que não é dele. "Ah, mas era só um brinquedinho, era só um brinquedo do primo". Não pode, é algo que precisa ser com veemência cuidado. Roubar, não. A gente não pode pegar alguma coisa que não é nossa, isso é muito sério. Esses são os momentos que o pai precisa entrar com a sua voz grossa, falar: "Não pode, isso foi uma coisa muito errada. Você vai voltar lá e você vai devolver, você vai pedir desculpa". Você entende? Isso não pode ser tratado como coisa de criança. É assim que se forja um caráter.

O desrespeito aos pais, por exemplo, não podemos deixar um filho nosso bater na gente, gritar com a gente, falar de forma grosseira, sem tomar nenhum tipo de atitude. O egoísmo do nosso filho em relação ao irmão, em relação ao amigo, não podemos fingir que não vimos. Temos que fazer alguma coisa, é assim que se forma caráter.

Outra coisa é: ser excessivamente condescendente, ou seja, complacente, ceder com facilidade, ser permissivo demais. É isso que eu disse, se você já disse que algo não pode ser feito, ainda que ele insista muito, você não pode deixar. "Samia, mas o meu filho é muito insistente, você não conhece ele". Bem, ele pode ser insistente o quanto que ele queira. Se você nunca cede, ele vai parar de ser insistente, porque ele vai falar: "Cara, não adianta. Se a minha mãe disse que não, não". Isso é uma coisa lá em casa que é muito clara. Se a gente falou que não, não há santo que faça a gente mudar de ideia, principalmente em coisas muito sérias, em coisas que são nevrálgicas. Não pode? Não pode. Se você toda hora cede, não pode e "Ah, mãe, mas e por favor? E por favor? Mas por que não pode? Por que não pode? Não pode?" e você cede, ele vai falar: "Bem, de tanto eu insistir, minha mãe vai ceder". Ou seja, você passa para ele que nem tudo que você diz não é porque você tem uma convicção educativa, é porque é simplesmente uma coisa na sua cabeça. E aí, não.

São essas diferenças que precisamos ter, sabe? Se você não está certa de que pode ou não, "Mãe, posso, sei lá, isso, assistir um filme hoje?". "Ah, não sei, meu filho, vou pensar". É uma coisa. Agora, você fala: "Não", não é não. Ou seja, se você sabe que o YouTube é perigoso, que é mal formativo, você não pode permitir que ele assista quando você está cansado, quando você tem coisas importantes para fazer. Você entende que você não pode deixar? Se você sabe que é uma coisa que faz mal ao seu filho, você está sendo fraco no bem. "Ah, mas é só um pouquinho, é só uma...". Bem, você está abrindo claramente as possibilidades, abrindo a possibilidade de, daqui a pouco, você estar permitindo coisas e coisas e coisas e ele não conseguir entender que o YouTube é uma ferramenta, que é uma ferramenta perigosa. Porque você está sendo fraco no bem.

Ou seja, se você sabe que o seu filho não é responsável com os deveres e não ajuda a resolver. E só pune ele. "Ah, mas se você não fizer isso, vai acontecer aquilo. Se você não fizer isso, você vai ficar sem passear. Se você não fizer isso, você não vai ganhar não sei o que lá no fim do ano". Isso não é formação. Se ele não está conseguindo fazer os deveres de casa, você tem que colocar os meios para que ele consiga desenvolver o hábito de fazer bem o dever de casa. Sempre, todos os dias. "Ah, mas eu tenho muita coisa para fazer, é muito enrolado, eu tenho muita criança pequena". Sim, mas vai ter que fazer. "Ah, mas é muito difícil, eu sei". Eu já passei por isso inúmeras vezes. Mas tem que fazer. Sabe aquela coisa de não tem jeito? Tem que fazer, a formação do seu filho faz parte disso. Depende disso.

Se você não quer que a sua filha use roupas curtas, elas não podem existir no armário. "Ah, mas foi a avó que deu". Você entende que a sua vergonha de falar com a avó que você vai dar

aquela roupa está impedindo que você seja forte no bem e consiga mostrar para sua filha que isso é inadequado? Bem, se você acha inadequado, eu acho inadequado. Então, não tem como lá. "Mas quando eu vi, ela estava com um short curto". Bem, não é para usar short curto, não é para usar nem em casa, nem na rua, entende? Realmente, se você permite usar em casa, ela vai usar na rua também. Não é para ter. Então, é para ter no guarda-roupa as roupas adequadas.

Ficar toda hora dizendo sim às hipernecessidades da criança: comer fora de hora, dar o celular na hora de comer, dar o celular, deixar você ficar duas horas fazendo o seu filho dormir, entendeu? Tem coisas que precisamos ajudá-los, orientá-los, isso é importante para ele. "Puxa, mas vai demandar de mim muitas idas na madrugada para ajudar o meu filho a dormir de madrugada". Eu sei, eu sei, mas isso é bom para o seu casamento, mas isso é bom para a autonomia de sono do seu filho, é bom para que ele consiga dormir uma noite inteira, é bom para que ele se sinta seguro. Tem coisas que precisamos decidir e fazer.

Outra coisa que muitas vezes somos fracos no bem: em adiar os remédios necessários para que formemos os critérios claros e as virtudes que precisam estar bem arraigadas. Ou seja, não podemos deixar de falar ou dizer não só porque os nossos filhos vão ficar tristes com a gente, ou porque estamos com medo dele gostar mais da babá e ele vai gostar mais da avó do que de nós, ou porque estamos com medo dele se sentir excluído. Não pode.

Esses dias, os meninos estavam pedindo para assistir Minions, e aí eu achava que Minions era ruim. Quando eu fui assistir... Não, aí eles falavam assim: "Não, mas os meus amigos assistem e disseram que é muito legal". Aí, sabe o que eu fiz? Eu peguei os meninos para assistir. Como eles assistem pouco filme, eles são meninos de critério, eu peguei eles para assistir. No final, eles falaram assim: "Mãe, realmente é muito ruim, é muito retardado, é muito...". E foram tecendo comentários sobre o filme, e eu falei: "É muito ruim. Quando eu falo para vocês que é ruim, esse é o tipo da coisa que vai deixar vocês bobos demais. E daqui a pouco, vocês hoje têm critério para perceber que é ruim, daqui a pouco vocês não vão ter mais". É a mesma coisa que acontece em relação a esse Diário de um Banana. Tem muitas mães que não conseguem ler aquilo e perceber o quão ruim é, porque deixaram de ter critério, porque oferecem coisas que são coisas muito ruins aos seus filhos. É isso que falávamos lá da consciência que vai ficando deturpada. Não podemos deixar. Temos que ir afinando, afinando, afinando, deixar os nossos filhos lerem bons livros, escutar boas músicas, para que eles tenham essa sensibilidade e falar: "Cara, realmente tem alguma coisa aqui muito esquisita, tem alguma coisa aqui que não é legal".

Agora, se você vai deixando, vai deixando, daqui a pouco eles não conseguem mais perceber e eles estão, muitas vezes, tendo atitudes que você não sabe nem de onde veio. Você não sabe que esse filme fez com que ele tivesse critérios que são critérios inadequados. E muitas vezes você faz isso porque está com medo do seu filho se sentir excluído. Não tem sentido isso. Aí você fala: "Mas eu tenho medo mesmo dele se sentir excluído". Então, como que você vai ser forte no bem? Criando uma comunidade ao seu redor para que o seu filho tenha boas amizades e que tenha os mesmos critérios que vocês. "Mas isso é muito trabalhoso", é muito trabalhoso mesmo. Educar é muito trabalhoso. Mas eu já contei isso para vocês. Isso foi algo que a gente pensou nos nossos filhos lá atrás. E hoje em dia, são essas mães que são amigas dos meus filhos. E hoje em dia, são essas mães que trazem outras mães que têm os mesmos critérios ou muito parecidos. Que é um monte de criança que não assiste celular, um monte de criança que é bem educada, que gosta de leitura. Precisamos criar isso. Muitos de vocês aqui têm filhos muito pequeninhos, têm filhos aí que acabaram de nascer. Esse é o tempo.

Ou adiar uma conversa sobre sexualidade no início da puberdade. Que precisamos conseguir conversar. Por quê? Onde se conversa sobre isso? No âmbito familiar. Não é o professor que vai conversar. Não é o professor que vai dar critério. "Pai, às vezes eu não sei o que dizer". Então, precisa se formar para que você saiba o que dizer. Para que você dê critério, para que o seu filho entenda qual é o papel da sexualidade na vida dele. Você precisa dar critérios. É esse tabu que não pode existir. "Mas eu tenho tanto medo da sexualidade do meu filho viver tão promíscuo que eu não falo nada". Não, você não está dando critério. Você não está dizendo por que ele não pode fazer isso. Você não está conseguindo mostrar para ele a beleza da sexualidade, da importância dele cuidar da dignidade do outro, entender que o outro tem um valor. Isso a gente faz dentro de casa, não em outro lugar.

Adiar uma orientação, por exemplo, em relação ao aborto. Adiar uma orientação, você está lendo a história da Rapunzel. Você já leu a história antiga da Rapunzel? Eu não sei se tem filme da Disney. Mas é uma história que o início da história, a menina se chama Rapunzel porque a mãe estava grávida e estava com muita vontade de comer uma verdura que se chama Rapunzel. E aí o pai vai lá e rouba a Rapunzel para que a mãe coma. E aí a bruxa vê e depois diz que não vai fazer nada com ele, mas que aquela criança vai ser dela. E aí ela prende essa criança na torre. Ao ler essa história, precisamos dar critério. Não se rouba nunca. Não tem justificativa. Precisamos falar isso para os nossos filhos. "Mas o que ele vai achar da história?". Bem, não vai achar nada. Você vai ler a história e vai falar: "Filho, mas é errado roubar, mesmo se tenha um grande motivo". "Ah, mas é porque a minha esposa estava querendo muito comer rapunzeis". Eu entendo, mas não dá.

Precisamos ir dando critérios para os nossos filhos. Na hora da gente, sei lá, ver duas pessoas se beijando na rua, os nossos filhos não viram. Muitas vezes os pais falam: "Caraca, é melhor não falar nada". Às vezes, de fato, os nossos filhos não viram. Mas às vezes, se eles viram, é necessário, às vezes, dependendo da idade, uma série de coisas que temos que pensar, é necessário abordar o assunto, que isso é inadequado. Aí, às vezes, vemos isso, duas pessoas casadas ou separaram. "O que eu falo?". Melhor não falar nada. É melhor orientar, é melhor explicar. Só que daí precisamos nos formar para explicar e explicar sempre com muita caridade. Se é errado, se entendemos que é errado a separação, por exemplo, pelo menos isso que deveria ser ou que deveria acontecer com a maioria das pessoas, precisamos dizer qual é o ideal que uma criança tem, pai e mãe, educando, entende? E vamos falando, mas vamos compreendendo as situações dos outros, não apontando e falando mal das pessoas.

Outro dia me perguntaram: uma tia falou sobre a fada do dente, o que eu falo? Se você quer falar que a fada do dente não existe, você fala: "Filho, isso é uma brincadeira. Quando a criança tira o dente, coloca lá o dente debaixo do travesseiro, mas fadas não existem. Existem sim, existem os anjos, existem os santos, as fadas não existem, mas é uma brincadeira". Você não precisa falar: "Não, a fulana mentiu". Não, mas você fala os valores que você quer dar, as orientações que você quer dar com calma, com tranquilidade, sem falar mal das pessoas. Mas é necessário nos colocar, orientar, para que os nossos filhos saibam que eles podem confiar em nós e ouvir as coisas que nós temos a dizer, ou seja, adiar uma explicação sobre adultério de uma pessoa próxima. Às vezes temos que falar claramente: "Ela agiu errado, não é a melhor coisa, vamos rezar por ela, vamos torcer para que essa situação melhore". Precisamos pontuar uma situação inadequada que a criança presenciou, falar sobre a fé. "Ah, não, mas eu prefiro não falar nada para que o meu filho escolha quando ele crescer". Bem, isso vai ser uma lacuna na educação do seu filho. A transcendência, ele perceber que ele é um ser espiritual, isso é algo muito, muito importante. Nós não somos só corpo, nós temos transcendência. Essa é uma lacuna que precisa ser preenchida. "Samia, eu não tenho religião". Tudo bem, então você precisa pensar o que você vai falar sobre o seu filho, você precisa responder para ele, de

onde ele veio, para onde ele vai, qual é o papel dele no mundo, porque senão ele vai ser uma criança desorientada, entende?

Além disso, não queremos dizer não porque queremos poupar os nossos filhos das dificuldades e oferecer para eles tudo que é bom, ou seja, poupar os nossos filhos de dever de casa. Quantas e quantas mães brigam com a escola porque têm dever de casa? Poupar os nossos filhos de dizer para eles que agora eles não vão, por exemplo, beber um suco, e nesse momento que eles vão beber uma água para que eles possam viver um pouco da austeridade. Dizer para eles que eles não vão ganhar presentes fora das datas de aniversário das crianças e Natal. Dizer para eles que não tem sentido comprar um tênis novo se eles têm um tênis em casa. "Ah, mas eu gostei tanto, todo mundo tem". Eu sei, meu amor, mas você tem esse que você tem agora. Não exigir um tempo de leitura. "Ah, é tão difícil, meu filho não gosta. Puxa, eu acho que eu tenho que respeitar aqui o que cada um gosta de fazer". Leitura é algo que a gente desenvolve o hábito. Essa é a fase dos nossos filhos desenvolverem hábitos. Se depois que ele crescer ele não quiser ler, é outra história, mas você precisa oferecer tudo o que ele pode. E é algo que a gente desenvolve, eu posso dizer na minha vida. Na minha casa, vários dos meus filhos não gostavam de ler, e depois de tanto 20 minutos, 20 minutos, 20 minutos, hoje em dia eles adoram pegar um livro para ler. É algo que precisamos oferecer a eles.

Não deixar que eles batam nos irmãos, não pode deixar. Eles não podem utilizar da força deles ou da irritação deles para machucar outra pessoa. Não podemos simplesmente... "Ah, briga de irmão, deixa para lá". Não, precisamos orientar. Não podemos achar que um dia ele vai aprender. Precisamos orientar do pequenininho e do maior. O pequenininho não pode bater no maior e o maior não pode bater no pequenininho. Ele não pode utilizar da força dele, os maiores, contra os menores. É uma coisa que precisamos orientar.

"Ah, vou dar celular porque eu não quero que o meu filho fique excluído". Já falamos sobre isso. Não vou deixar de ir em uma festa... Deixar ir em uma festa ou em uma viagem porque, poxa vida, vai ser tão doído, vai ser... "Poxa, coitadinho". Se você não conhece a família, se você não sabe o que vai acontecer lá. Bem, isso, play. Caramba, quantas coisas ruins acontecem em play. "Ah, Samia, não sei. O que acontece?". Acontecem coisas muito ruins. Desde pessoas namorando na escada, por exemplo, até exposição a drogas. Precisamos até falarem sobre coisas muito ruins. Os adolescentes ou crianças até menores ainda. Não podemos ser bobos. Não querer que lhes falte nada porque "assim eles vão ser felizes", ou seja, orientando a felicidade deles para as coisas materiais. Não orientando em relação ao ciúme entre irmãos, a como eles devem reagir quando é aniversário de um irmão. "Olha, tá chegando o aniversário do seu irmão. Ele vai ser o centro das atenções. Eu sei que você fica um pouco chateado com isso, mas precisamos conseguir se alegrar com a alegria do seu irmão. Você não vai ganhar presente, você não vai assoprar vela". São essas orientações práticas. Não deixar dormir na casa das pessoas, porque você não conhece a família. Mesmo que você não conheça a família, você não conhece os hábitos dessa família. Não deixar ler um livro que você não sabe da boa procedência desse livro. "Ah, mas está todo mundo lendo". "Então, meu filho, só um minutinho. Tem como esperar uma semana? Lê o seu livro e você vê se é adequado ou não é". Já aconteceu isso de ter um livro lá em casa que estava todo mundo lendo. Eu peguei para ler antes, era um livro horrível. As mães não tinham... e eram boas mães. Não tinham nem ouvido falar sobre o que tinha ali. E aí, eu fui e fiquei conversando com meu filho. Fui, olha, então, o livro fala isso... "Você pode até ler, só vai atento".

Enfim, aqui eu coloquei uma série de coisas, isso. Não falar mal das pessoas. Quando fala mal das pessoas, orientar que não deve ser assim. Isso tudo são coisas que exigem de nós ação, exigem de nós coragem, exigem de nós sair da nossa preguiça, da nossa área de conforto,

muitas vezes. Mas temos que conseguir ter muita clareza que essa boa formação ajuda os nossos filhos a resistir ao mundo, a resistir quando fazemos com que um filho nosso acostume a comer mais do que ele não gosta e menos do que ele gosta na hora das refeições, a comer os legumes, por exemplo, a fazer os deveres na hora que ele deve fazer. Todos esses pequenos atos de fortaleza ao longo da infância, dormir na hora adequada, cuidar do irmão, isso tudo prepara-o para que ele resista, por exemplo, a drogas, prepara-o para que ele saiba mexer, por exemplo, com o celular, para que ele saiba utilizar no futuro o celular e o YouTube e pesquisas na internet de forma adequada, porque ele vai ter virtude para isso.

Muitas vezes ficamos rezando para que os nossos filhos não fiquem doentes, para que nenhum mal aconteça a eles, mas precisamos fazer por onde? Para que eles possam resistir ao mal que vir a acontecer a eles e para que eles tenham as virtudes necessárias para combater essas dificuldades, para combater esse mal. Não podemos impedir que o mundo lá fora seja mal e seja complicado, só que temos como fortalecer os nossos filhos com critérios, não sermos fracos no bem para que eles consigam arrastar o mundo e não serem arrastados por ele. O que precisamos ter é essa postura ativa e não passiva diante das nossas responsabilidades.

Até a próxima aula!